



# DE BÊNÇÃOS E TRAIÇÕES

A HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS DE ABRAÃO, ISAQUE E JACÓ





ALBERT FRIESEN  
CARLOS "CATITO" GRZYBOWSKI  
ROSELI M. KÜHNRIK DE OLIVEIRA

# DE BÊNÇÃOS E TRAIÇÕES

A HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS DE ABRAÃO, ISAQUE E JACÓ





DE BÊNÇÃOS E TRAIÇÕES

Categoria: Família / Aconselhamento / Vida Cristã

---

Copyright © 2006, Albert Friesen  
Carlos “Catito” Grzybowski  
Roseli M. Kühnrich de Oliveira  
Todos os direitos reservados

*Primeira edição:* Novembro de 2006  
*Coodenação editorial:* Bernadete Ribeiro  
*Revisão:* Heloisa Wey Neves Lima  
*Capa:* Marcelo Moscheta,  
sobre *A bênção de Jacó*, quadro de Rembrandt

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação  
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

---

Friesen, Albert, 1956-

F912d De bênçãos e traições / Albert Friesen, Carlos “Catito”  
2006 Grzybowski, Roseli M. Kühnrich de Oliveira. – Curitiba :  
Esperança; Viçosa, MG : Ultimato, 2006.  
136p. 21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 85-86539-97-X

ISBN 85-86249-91-2

1. Bíblia – Meditações. 2. Relações humanas.  
3. Família – Aconselhamento pastoral. I. Grzybowski,  
Carlos “Catito”, 1960- II. Oliveira, Roseli M. Kühnrich  
de, 1956- III. Título.

CDD. 22.ed. 242.5

---

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORA ULTIMATO LTDA  
Caixa Postal 43  
36570-000 Viçosa, MG  
Telefone: 31 3891-3149  
Fax: 31 3891-1557  
E-mail: [ultimato@ultimato.com.br](mailto:ultimato@ultimato.com.br)  
[www.ultimato.com.br](http://www.ultimato.com.br)

EDITORA EVANGÉLICA ESPERANÇA  
Rua Aviador Vicente Wolski, 353  
82510-420 Curitiba, PR  
Telefone: 41 3022-3390  
Fax: 41 3257-6144  
E-mail: [eee@esperanca-editora.com.br](mailto:eee@esperanca-editora.com.br)  
[www.esperanca-editora.com.br](http://www.esperanca-editora.com.br)



*Para os mestres  
Carlos José Hernández,  
Heinz Ratzlaff Epp e  
Lieselotte Hedderich,  
que nos ensinaram a pensar psicoteologicamente*

## SUMÁRIO

Apresentação	9
Introdução	13
1. Modelo sistêmico: conceitos e potencialidades <i>Albert Friesen e Carlos "Catito" Grzybowski</i>	21
2. A terapia familiar sistêmica estrutural <i>Albert Friesen</i>	41
3. Duas famílias dos tempos bíblicos <i>Albert Friesen</i>	59
4. A família de Jacó <i>Roseli M. Kühnrich de Oliveira</i>	91
5. Jacó e Esaú: a reconciliação <i>Roseli M. Kühnrich de Oliveira</i>	101
6. Vivendo na luz em família <i>Roseli M. Kühnrich de Oliveira</i>	109
Notas	117
Bibliografia	127



## APRESENTAÇÃO

UM DOS MAIS belos espetáculos musicais que assistimos foi um concerto com os “três tenores”, José Carreras, Plácido Domingo e Luciano Pavarotti, cantando juntos desde pequenas árias de óperas até músicas populares. Apesar de cantarem as mesmas músicas e terem o mesmo timbre vocal, era possível notar as diferenças de estilo de cada um, porém tal distinção não permitia qualificar qual era “melhor” ou “pior”. O que ficava evidente é que eram três gênios da música erudita com estilos diferentes.

Sem nenhuma intenção de fazer uma comparação direta, creio que essa metáfora se aplica a este livro, uma vez que uma obra escrita por três autores certamente não apresenta uma uniformidade de estilos. Embora os três tenham a mesma base teórico-científica e professem a mesma fé cristã, os estilos idiossincráticos de cada um fazem com que o escrito ganhe “tonalidades” distintas ao longo de suas páginas.

Nossa intenção aqui é atingir três objetivos principais, que estão ao mesmo tempo separados e entrelaçados. Separados do ponto de vista de finalidade, e entrelaçados pelo embasamento epistemológico.

O primeiro objetivo é aproximar a Bíblia do cotidiano moderno, de modo que sua mensagem possa ser percebida como a mensagem de Deus para os nossos dias, trazendo transformação. Essa re-leitura contextualizada facilita a identificação do leitor com as dinâmicas familiares dos personagens bíblicos e, a partir de uma visão menos romantizada do texto bíblico, acabe descobrindo que as famílias atuais não são muito diferentes. Assim como Deus, através da sua graça, operou naquelas famílias, podemos ter esperança de que ele também irá atuar nas nossas famílias.

O segundo objetivo é introduzir os leitores e leitoras a uma nova compreensão da realidade através do marco referencial sistêmico. A sociedade ocidental tem sido condicionada nos últimos trezentos anos a perceber a realidade a partir do modelo cartesiano-positivista, no qual a razão e a polaridade (relação causa e efeito) são supervalorizadas, em detrimento da dimensão metafísica. O modelo sistêmico surgiu em meados do século 20, em oposição à fragmentação proposta pelo cartesianismo. Esse modelo oferece uma perspectiva integrativa, com ênfase nas totalidades, sugerindo que a dimensão metafísica da realidade é tão verdadeira como qualquer outra dimensão. A preocupação central do modelo sistêmico é o entendimento dos padrões de relação entre os elementos vivos; no campo da psicologia, tem como objeto central (não único nem exclusivo) de estudo as famílias e os padrões relacionais desenvolvidos em seu interior.

O terceiro objetivo é oferecer subsídios para aqueles que estão envolvidos com o ministério de aconselhamento pastoral. A prática com famílias e as especificidades que tal percepção demanda no cuidado pastoral são abordadas de forma especial nesse livro.

Os objetivos mencionados contribuem para que essa obra tenha um amplo espectro, partindo da aproximação de Deus até a informação complexa do modelo sistêmico.

Os leitores que não desejarem se aprofundar nos conceitos teórico-sistêmicos apresentados no primeiro capítulo poderão descobrir tais conceitos de maneira prática na leitura dos capítulos posteriores. Talvez isso lhes desperte o interesse em conhecer mais detalhadamente a teoria do modelo sistêmico e a terapia familiar e os faça voltar ao primeiro capítulo.

Por fim, o último capítulo é de reflexão bíblica e adoração devocional, considerando os fenômenos sistêmicos dentro da família de Jacó.

Desejamos a todos uma boa leitura!

OS AUTORES



## INTRODUÇÃO

HISTÓRIAS UNEM as pessoas. A referência a alguma história clássica da literatura faz com que diferentes mundos de idéias, imagens e fantasias se aproximem. Algo similar acontece entre os cristãos. O povo cristão é tradicionalmente um povo que gosta de contar histórias. Desde a mais tenra infância, seja na escola bíblica dominical dos evangélicos ou na catequese dos católicos, as histórias da Bíblia são repetidas inúmeras vezes. Com isso, um conjunto de dados e informações é transmitido, e um imaginário comum é criado e evocado. Basta falar de Davi para que as pessoas logo se lembrem de Golias, Mical, Saul, dos Salmos, do adultério com Bate-Seba e de muitas outras peculiaridades. Quando mencionamos Adão e Eva, logo a imagem da cobra tentadora se apresenta, assim como as visões do Paraíso, da Queda seguida da dor por ter que deixar aquele jardim de delícias, o Éden, do nascimento de Caim e Abel e do primeiro fratricídio.

Esse imaginário comum facilita a discussão em torno de determinados assuntos. Muitas vezes, o treinamento em aconselhamento pastoral é feito a partir da análise de algumas histórias de pessoas e famílias. Tais histórias permitem exercitar a habilidade conselheira, observar princípios espirituais e psicológicos e elaborar estratégias de intervenção, permitindo ao grupo discutir e complementar as descobertas. A subjetividade da psique e da espiritualidade humana pode ser mais facilmente compartilhada através de histórias do que de definições. Conceitos e definições são instrumentos para teóricos. Histórias servem como material de reflexão para práticos e leigos. Analisar uma história em comum enriquece o conselheiro porque oferece uma multiplicidade de perspectivas e reflexões.

Há décadas que a psicoterapia utiliza os famosos estudos de caso. Um estudo de caso é precedido pelo levantamento de dados através da anamnese, ou seja, um questionário completo, com perguntas específicas, que facilita o estudo da situação e a resolução do problema. A partir dessas informações é possível definir o caso, construir planos de ajuda e por fim avaliar os efeitos da intervenção terapêutica.

No entanto, a simples posse de informações não basta. Há um dado que não pode ser omitido por nenhum observador ou estudioso: a necessidade de se levar em conta a perspectiva e o método empregado na análise dos dados. Tomemos como exemplo a história de Davi. É possível analisá-la a partir de uma perspectiva moral, isto é, em termos de certo ou errado, ou através de uma perspectiva arqueológica, ou seja, comparando as informações fornecidas pela Bíblia com as escavações arqueológicas recentes. Essa mesma história poderia ser interpretada ainda por outras

perspectivas: cultural, social, histórica, geográfica, filosófica, religiosa, etc. ou ainda através dos mais variados métodos, como pelo método crítico, que avalia a veracidade dos fatos; método mnemônico, que verifica se os antigos confirmam os dados; método comparativo, confrontando as fontes, etc.

Uma antiga lenda pode nos ajudar a compreender as diferenças de perspectiva. Ela conta a história de dois cegos que nunca tinham visto um elefante. Desejando saber como era esse animal, ambos se aproximaram dele para tentar descobrir suas características. Um ficou na parte da frente do animal, enquanto o outro foi para a parte de trás. O primeiro, ao tocar a tromba do elefante, concluiu que ele se parecia com uma cobra, enquanto que o segundo, ao tocar a pata traseira do elefante imaginou que ele se assemelhava ao tronco de uma árvore. Cada um interpretou os dados a partir de uma perspectiva pessoal, obtendo assim resultados diferentes. O método utilizado pelos cegos se baseava no tato, mas se eles tivessem empregado outros métodos ou partissem de perspectivas diferentes, provavelmente teriam chegado a conclusões diferentes. Um dos cegos poderia concluir a partir do olfato que se tratava de uma vaca; o outro, ao ouvir os ruídos do animal, talvez imaginasse que um trompetista iniciante estivesse à sua frente. Não é difícil perceber que tanto a perspectiva quanto o método utilizado influenciam a interpretação dos dados. Essa lenda nos ensina que a verdade percebida é parcial, pois é obtida a partir de uma perspectiva ou de um método específico. Todo conselheiro, ao analisar uma história, precisa estar ciente desse fato.

Algumas perspectivas e seus respectivos métodos são relativamente comuns no aconselhamento pastoral, como

a perspectiva voltada para a solução de problemas (sem dar importância às causas dos problemas); a perspectiva moral (baseada na noção de certo ou errado); ou a perspectiva bíblica (que verifica se determinado comportamento está de acordo com o ensino bíblico). Os conselheiros pastorais, de modo geral, não levam em conta nem as perspectivas nem os métodos. Eles não percebem que é impossível analisar, avaliar e orientar um caso sem a utilização de certos critérios. Ora, ao trabalhar a madeira, o marceneiro precisa saber qual instrumento deve utilizar, se um martelo ou um serrote. De fato, sempre que analisamos uma história, usamos determinadas perspectivas e métodos, seja de forma consciente ou não. É como se o conselheiro olhasse as pessoas através de lentes coloridas – suas interpretações sempre estarão sujeitas à cor das lentes. Por mais que ele tente enxergar outras cores, terá dificuldade para diferenciá-las enquanto não perceber que está usando lentes de determinada cor.

Alguém pode argumentar: “Mas, não é possível olhar para a situação com lentes neutras, sem nenhuma cor?” Minha resposta, pelo menos por enquanto, é não! E por que não? Porque o ser humano é complexo demais para que possa ser visto, conhecido, analisado, interpretado e compreendido completamente por outro ser humano, em todas as suas interfaces. Só Deus é capaz de compreender o ser humano por inteiro. Por isso, mesmo entre as ciências, existem inúmeras perspectivas e métodos que buscam conhecer o ser humano (filosofia, psicologia, história, antropologia, teologia e muitas outras). Pensar que pode existir alguém capaz de compreender o todo é muita ousadia de nossa parte.

Ao nos aproximarmos do ser humano para tentar compreendê-lo, precisamos adotar uma postura de humildade

e de dependência de Deus, cômnicos de nossas limitações pessoais. O conselheiro pastoral depende da ação do Espírito Santo para poder enxergar as questões essenciais que irão ajudá-lo a prestar auxílio a alguém que sofre. Além disso, o bom conselheiro deve estudar constantemente o ser humano, para que esse conhecimento se transforme em sabedoria na presença de Deus, e o capacite a ajudar aqueles que enfrentam problemas complexos. O reconhecimento de que temos apenas uma visão parcial do outro livra-nos de uma pretensa onisciência e quebra o nosso orgulho, permitindo uma aproximação maior entre conselheiro e aconselhando, e criando uma empatia curadora. Provavelmente, o aconselhando sabe mais a seu próprio respeito do que o conselheiro, pois só ele conhece verdadeiramente o que se passa em seu interior. Por outro lado, o conselheiro está numa posição privilegiada, pois não está envolvido nos conflitos pessoais do aconselhando. Feliz o conselheiro que humildemente reconhece que sabe muito pouco a respeito do outro. Esse tipo de atitude o ajuda a compreender que escolheu uma entre várias perspectivas possíveis e que sua abordagem está limitada à determinada perspectiva com seu respectivo método. Isso significa que podem existir outros métodos, talvez até mais verdadeiros e eficazes.

Isto posto, podemos voltar ao início, ou seja, às histórias. Neste livro iremos abordar três histórias bíblicas, caracterizadas pelos personagens de Abraão, Sara, Isaque, Rebeca e Jacó e suas famílias. Analisaremos cada uma delas através de determinada perspectiva e com o seu respectivo método. A perspectiva empregada é a da terapia familiar sistêmica (TFS) e o método, o da observação fenomenológica a partir da narrativa bíblica encontrada no livro de Gênesis. Talvez

alguns conceitos possam parecer estranhos. Assim, antes de analisarmos as histórias, procuraremos apresentar e explicar de maneira simples o que é TFS e em que consiste o método da observação fenomenológica. Embora essas palavras pareçam complexas, serão facilmente compreendidas se não formos excessivamente detalhistas, o que não é nossa intenção aqui. O que pretendemos é facilitar a tarefa dos conselheiros pastorais, permitindo-lhes desenvolver uma nova perspectiva de ajuda e fornecendo-lhes alguns recursos metodológicos que poderão capacitá-los a ajudar outras pessoas com mais eficácia.

Isso não significa que as perspectivas de ajuda diferentes das apresentadas neste texto sejam falsas ou ineficazes. Ao contrário, por serem úteis e eficazes poderão ser colocadas em prática juntamente com outros recursos. Não temos também nenhuma intenção de deixar de lado as habilidades de ouvir, apoiar e orientar pessoas utilizadas até esse momento por muitos conselheiros. O que desejamos é que eles desenvolvam novas habilidades, além das já adquiridas.

Não pretendemos abordar os aspectos relacionados à cultura e à tradição nas histórias bíblicas. Desejamos apenas estudar, a partir dessas histórias, os princípios da dinâmica sistêmica. Cabe ao conselheiro, juntamente com seu aconselhando, aplicar os valores e princípios espirituais a cada circunstância, a partir da interpretação da Palavra de Deus e buscando a orientação do Espírito Santo. Podemos chamar isso de “contextualização da mensagem bíblica”.

É preciso ter em mente que as histórias de Abraão, Isaque e Jacó se passaram cerca de 3.500 anos atrás. A cultura, os valores morais e sociais, os costumes e as tradições eram muito diferentes. Não podemos saber exatamente como as

coisas eram interpretadas naquele tempo. Alguns textos bíblicos nos fornecem algumas explicações, mas outras aparentemente foram consideradas desnecessárias pelos escritores, talvez por estarem implícitas ao contexto da época. Portanto, se desejamos tirar bom proveito dos textos antigos, devemos levar em conta os critérios da hermenêutica bíblica. Mas não é esse o nosso propósito nesse livro. Os critérios de hermenêutica podem ser estudados em outras obras literárias.<sup>1</sup> Não queremos nos preocupar com a hermenêutica aqui, pois isso acrescentaria mais um método ao estudo das histórias, o que não é nosso propósito nesse livro.

Assim sendo, começaremos apresentando algumas considerações gerais sobre a TFS. Num segundo momento faremos uma abordagem mais específica da terapia familiar sistêmica estrutural (TFSE), pois ela nos fornece alguns critérios metodológicos para a análise das famílias em questão. Depois disso, partiremos para a análise das famílias bíblicas citadas. Nos últimos parágrafos dessa parte oferecemos algumas aplicações, implicações e orientações obtidas a partir desta análise. Se o leitor não se interessar pela parte de fundamentação e apresentação da perspectiva sistêmica, poderá iniciar a sua leitura pela análise das histórias. Aqueles que preferirem essa opção, talvez tenham que voltar aos primeiros capítulos para entender melhor a análise. Isso certamente facilitará a compreensão da fundamentação teórica, por si mesma um pouco exaustiva.